

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO DA CRIANÇA  
ESPECIAL NO ENSINO REGULAR**

**COMPREENDENDO O MUNDO DO DISLÉXICO:  
Análise Teórica**

**IDELZULENE PEREIRA BARROS**

**FORTALEZA – CEARÁ  
2004**

**IDELZULENE PEREIRA BARROS**

**COMPREENDENDO O MUNDO DO DISLÉXICO:  
Análise Teórica**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Inclusão da Criança Especial no Ensino Regular, da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

***Fortaleza - Ceará***

**2004**

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Inclusão da Criança Especial no Ensino Regular, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

-----  
Idelzulene Pereira Barros

**Monografia apresentada em:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

-----  
**Profª. Orientadora – Gláucia Maria de Menezes Ferreira**

“Educar uma criança é muito parecido com a construção de um arranha-céu. Se os primeiros andares ficarem fora do alinhamento ninguém notará; mas quando os edifícios tiverem 10 ou 15 andares, todo mundo verá que está torto.”

**Carlos Drummond de Andrade**

Ao meu dedicado esposo Walder Rocha Pereira, de quem recebo estímulo constante para prosseguir lutando por meus ideais, dando-me o apoio indispensável na busca de novos horizontes.

A minha família, em especial meu pai Clodomir de Lima Barros e minha mãe Idelzuite Pereira Barros (*in memorian*), que sempre acreditaram no meu potencial e me dedicaram carinho e apoio em todos os momentos da minha vida, tendo papel importante no êxito da minha trajetória profissional.

## **AGRADECIMENTOS**

- A Deus, fonte inesgotável de amor e de misericórdia, por todos os dons que me concedeu e por mais uma oportunidade de crescimento pessoal em busca de meus objetivos profissionais.
- A professora Gláucia Maria de Menezes Ferreira, pelo empenho em contribuir para o nosso aprimoramento, através de uma atuação equilibrada, inteligente e prestimosa, sempre pontilhada pelo estímulo a novas conquistas.
- A todos os professores do Curso de Especialização em Inclusão da Criança Especial no Ensino Regular, da Universidade Federal do Ceará, pelas sábias reflexões que nos ajudaram a compreender melhor a realidade.
- A colega Gelma, pela colaboração, confiança e amizade com que me estimulou nos momentos mais difíceis deste trabalho.
- A todos aqueles que direta e indiretamente vivenciaram o processo de produção deste trabalho, o meu reconhecimento e amizade.

## **RESUMO**

O presente trabalho analisa a dificuldade de aprendizagem, notadamente, a dislexia que é identificada como um impedimento no processo de leitura e escrita que afeta crianças e adolescentes com inteligência normal ou superior e, sem deficiências sensoriais. Inicialmente, como cegueira às palavras ou cegueira verbal esta, ocasiona nos indivíduos portadores da mesma, uma série de obstáculos que impedem a decodificação das palavras fazendo-o confundir, substituir, adicionar ou omitir sons similares. Este estudo é de natureza bibliográfica, sendo subsidiado por teóricos como Campos, Fonseca, Melekian, Morin, Vygotsky, dentre outros. O objetivo desta revisão bibliográfica é compreender as dificuldades do aluno disléxico na escola, contextualizando suas reais necessidades, visualizando o enigma que a persegue nos diversos ambientes. Ficou evidenciado com o referido estudo, que a compreensão das singularidades deste indivíduo é fundamental para criarmos uma prática pedagógica flexível que prime pelo respeito às diferenças, bem como, colabore para a formação continuada dos professores facilitando a identificação da dificuldade providenciando intervenções adequadas a sua superação.

## **SUMÁRIO**

RESUMO.....	vi
INTRODUÇÃO.....	8
1. DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA	
CONTEMPORÂNEA.....	12
1.1 Aprendizagem e ensino.....	12
1.1.1 Piaget e Vygotsky semelhanças e diferenças.	19
1.2 Dificuldade de aprendizagem.....	20
1.3 Fatores etiológicos das dificuldades de aprendi- zagem.....	23
1.4 Intervenção educativa.....	29
2. DISLEXIA: UM ENIGMA EM QUESTÃO.....	33
2.1 Trajetória em discussão.....	33
2.2 Enigma dos indivíduos disléxicos.....	38
2.3 Leitura e escrita: conflitos cotidianos.....	41
3. COMPREENDENDO O ALUNO DISLÉXICO.....	45
3.1 Família.....	45
3.2 Ambiente educativo: escola.....	49
3.3 Contexto sócio-cultural.....	52
4. RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E A INDIVIDUALIDADE	
DA CRIANÇA DISLÉXICA.....	56
4.1 Auto-estima e individualidade das crianças com dislexia.....	56



4.2	Prática pedagógica e o currículo.....	59
4.3	Formação de professor para uma escola inclusiva..	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		69
BIBLIOGRAFIA.....		72

## INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem têm se tornado o principal fator responsável pelo fracasso escolar de crianças e jovens, e muito tem preocupado pais e professores. Por esse motivo, muitos profissionais da área de educação tem se dedicado aos estudos e a pesquisa das dificuldades de aprendizagem.

A sociedade exige cada vez mais que seus cidadãos tenham boa formação escolar, embora não ofereçam as condições necessárias para alcançar este feito. No mundo capitalista onde se valoriza aqueles que tem o conhecimento, e se exclui os menos capacitados, estes ficam a margem da sociedade, a leitura, a decifração de códigos passa a ser um requisito fundamental e indispensável para prosseguir nos estudos.

A criança quando sai da Educação Infantil ou no término desta por volta dos seis anos entra no processo de Alfabetização, já no início do Ensino Fundamental aos sete anos é exigido o domínio da leitura e escrita. Quando a criança não aprende a ler na fase dos sete ou oito anos pais e professores começam a buscar explicações e possíveis soluções para o problema.

A criança para ler, decifrar códigos passa por vários estímulos que vêm desde a Educação Infantil como: visuais, táteis, olfativos e gustativos, com esses forma uma linguagem interna. Com os símbolos auditivos, a criança desenvolve uma linguagem receptiva e mais adiante constrói e utiliza os símbolos verbais na elaboração da linguagem expressiva para em seguida aos seis ou

sete anos aprender a ler pela organização de sinais verbais e visuais.

No entanto, constatamos nas nossas escolas crianças que passaram por todos esses processos, que estão em plena capacidade de ser alfabetizada nos seus estados motor, cognitivo e afetivo, e não conseguem aprender a ler, surgindo assim às dificuldades de aprendizagem.

A pesquisa é de natureza bibliográfica analisando a dificuldade de aprendizagem, notadamente, a dislexia, através do aprofundamento de conceitos e práticas referentes às dificuldades de leitura e escrita que influenciam no ritmo de aprendizado destes alunos.

Ao identificar uma criança que não consegue aprender a ler, o professor tenta identificar os sintomas e se possível superá-lo através da dedicação e esforço, porque muitas vezes este não tem conhecimento e nem condições adequadas na escola para ajudar a criança.

A dificuldade de aprendizagem atinge crianças ou jovens com potencial de aprendizagem normal, que não tendo deficiências de ordem intelectual não aprendem em um processo normal.

Das diversas dificuldades de aprendizagem existentes umas das mais conhecidas é a dislexia. A dislexia é uma dificuldade específica no aprendizado da leitura e escrita que não depende de causas intelectuais, emocionais ou culturais. A Associação Brasileira de Dislexia (ABD) calcula que 10 a 15% da população brasileira seja portadora dessa dificuldade, a maioria sem saber.

Para identificar uma criança com dislexia, apesar de alguns sintomas muito claros como troca de letras, inversões de letras, no meio das sílabas e tantos outros, é preciso um

diagnóstico elaborado por profissionais adequados.

A idéia da elaboração desse trabalho surgiu a partir do Curso de Especialização em Inclusão da Criança Especial no Ensino Regular. Mesmo não sendo a criança disléxica portadora de uma necessidade mais acentuada como a síndrome de Down e outras, essa criança precisa de um acompanhamento sério por parte de pais e professores, evitando assim que sejam excluídas dentro da própria sala de aula.

O interesse pelo tema deve-se ao fato de sermos profissionais da educação de escolas públicas. Nestas é comum recebermos crianças com dificuldade de leitura e escrita, e por sermos educadores, buscamos condições favoráveis com o intuito de amenizar as dificuldades da criança visando assim uma aprendizagem significativa adequada ao seu desenvolvimento.

Como objetivo deste trabalho procuramos distinguir as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita no contexto escolar identificando a dislexia e suas manifestações. Objetiva-se conhecer práticas psicopedagógicas de intervenção, visando uma aprendizagem mais significativa, além de discutir sobre as teorias de aprendizagem, as dificuldades de aprendizagem, família, escola, inclusão e formação de professor.

No primeiro capítulo deste trabalho procurou-se falar sobre aprendizagem, como esta acontece, sua definição, as diversas teorias existentes e a grande contribuição de Piaget e Vygotsky.

No segundo capítulo discute-se a questão da dislexia, a trajetória, o pensamento de vários autores sobre causas, os tipos de dislexia e os conflitos de leitura e escrita.

Já no terceiro capítulo mostrou-se a relação da família e da escola, suas dificuldades e contribuição na aprendizagem dos

alunos disléxicos.

No quarto capítulo falamos da individualidade e auto-estima da criança disléxica, da formação do professor e sua prática pedagógica, na intervenção em sala de aula.

E por último, terceu-se algumas considerações finais com o objetivo de colaborar para a realização de um trabalho comprometido com a escola e com as crianças que por algum motivo não tiveram facilidade em construir uma leitura significativa como tantas outras crianças.

# **1. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA**

## **1.1 Aprendizagem e ensino**

O homem se diferencia de um animal devido a sua grande capacidade de aprender. De todos os animais existentes, o homem é o único que tem o menor número de reações inatas, portanto, tudo ou quase tudo na sua vida é adquirido através da aprendizagem.

Na vida humana a aprendizagem se inicia com o nascimento e continua por toda a vida. Logo que a criança nasce com alguns dias de vida aprende a chamar sua mãe pelo choro, até um ano de idade se familiariza com os objetos que fazem parte do seu mundo, nesse período adquire habilidade com os pés e as mãos e se inicia na linguagem falada.

A aprendizagem é um processo tão importante na vida do homem e da humanidade que foram organizados meios educacionais (escolas) para tornar a aprendizagem mais eficaz.

Ao terminar a Educação Infantil e ingressar no Ensino Fundamental aos sete anos, a escola exige da criança a habilidade da leitura. É geralmente nesta idade que os professores e pais

percebem em algumas crianças as dificuldades de aprendizagem.

Para melhor entender a educação escolarizada de hoje e ontem é preciso conhecer as grandes correntes teóricas que explicam como a inteligência humana se desenvolve, pois foi através dessas correntes que alguns estudiosos se fundamentaram para desenvolver as concepções de aprendizagem que estão presentes nas nossas escolas.

Para a concepção racionalista o desenvolvimento da inteligência é determinado pelo indivíduo e não pelo meio. Passa a idéia de que o ser humano já nasce com a inteligência pré-moldada, sendo uma capacidade inata do homem e tem como defensor Leibniz que se opôs ao empirismo de Hume (Enciclopédia Larousse Cultural, 1995).

Conhecida como apriorismo, o inatismo percebe o indivíduo como detentor de capacidades inatas que independem na influência do meio, sendo percebida a partir do desenvolvimento do indivíduo no meio social.

Já o empirismo explica que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelo meio ambiente e não pelo sujeito, divulga a idéia que o ser humano não nasce inteligente, mas é passivamente submetido às forças do meio, essa concepção se baseia exclusivamente na experiência vivida pelo sujeito e tem como defensor Looke que se opôs ao saber inato e adquirido (Enciclopédia Larousse Cultural, 1995).

Dentro dessas correntes se destaca a teoria conexionista de Edward Lee Thorndike (*apud* DINAH, CAMPOS, 2002), de acordo com essa teoria a aprendizagem acontece pela seleção de reações já formadas no sistema nervoso por um processo de ensaio e acertos ocasionais, onde a satisfação (prazer) fixa as conexões nervosas e a insatisfação tem o efeito de eliminá-las.

Um outro estudo revela o condicionamento ou reflexo lógico de Ivan Petrovitch Pavlov (*apud* CAMPOS, 2002), ele reproduz a teoria conexionista, no sentido de que se dá pelo elo entre a situação, o estímulo e a reação aonde o organismo já vem com as respostas. Essa teoria é baseada em reflexos e em reações inatas podendo ser definido como reações imediatas de um músculo ou glândulas em fase de estímulo sensorial.

Pavlov estudando o comportamento fez experimentos com um cão. Observou que quando lhe dava comida, o cão salivava espontaneamente. Concluiu nesse estudo que o fluxo da saliva é o reflexo, ou seja, é uma reação nata, ou não aprendida das glândulas salivares.

Dando continuidade aos estudos de Pavlov, Skinner (*apud* CAMPOS, 2002) estuda o comportamento através de experiência com um rato. Para Skinner, a aprendizagem seria uma mudança de probabilidade pelo condicionamento operante que percebe o processo de aprendizagem através das respostas que se tornam mais possíveis ou mais freqüentes.

A contribuição das teorias inatistas (racionalistas) e dos behavioristas (estudiosos do comportamento) foram bem aceitas pela escola tradicional. Nesta visão o aluno era condicionado a ter um bom comportamento, ou melhor, ficar passivo, estático, para que melhor fosse transmitido todo o conhecimento dos livros e dos professores. Para a escola o aluno era apenas o receptor sem direito a participar ativamente das aulas.

Essas duas correntes teóricas são também chamadas de reducionistas porque reduzem o desenvolvimento intelectual só a ação do homem ou só a força do meio.

A outra concepção que vem se opor ao tradicional (empirismo e racionalista) é o interacionismo. Essa concepção parte do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é



determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio, a idéia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo a influência do meio.

A concepção interacionista teve como grande divulgador Jean Piaget (Revista Nova Escola, 1996, p. 15). Piaget nasceu em 1886 na Suíça, foi um menino precoce. Com 10 anos publicou em sua cidade um estudo sobre um pardal branco; com 22 anos já era doutor em biologia escreveu 70 livros, 300 artigos sobre psicologia, pedagogia e filosofia.

Ao observar toda infância de seus filhos, concluiu que a criança tem uma forma própria e ativa de raciocinar e de aprender, tendo o meio e as relações como partes impulsionadoras do seu crescimento.

Segundo Piaget as crianças evoluem por estágio, ou seja, por etapas que explicam a evolução do raciocínio que seriam:

- Sensório motor (0 a 2 anos) - nesta fase a criança age por reflexos neurológicos construindo esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio, interagindo com este, ela constrói alguns conhecimentos como noções de espaço e tempo.

Este período é caracterizado por 6 (seis) sub-estágios:

I - Estágio (0 a 1 mês)

As reações circulares, ou seja, os reflexos de ações geram satisfação na criança caracterizando-se por uma atividade equivalente ao brinquedo (Ex.: a sucção).

II - Estágio (1 a 4 meses)

A criança não imita som ou movimento que lhe pareça novo. Há pouca indicação de atividades lúdicas.

### III - Estágio (5 a 8 meses)

Neste período a criança imita sons e movimentos feitos por outras pessoas principalmente familiares, tem uma pequena consciência do antes e depois

### IV - Estágio (8 a 12 meses)

Começa a imitar modelos novos e a procurar objetos (ocultos) que foram escondidos na sua presença.

### V - Estágio (1 ano a 1 ano e 6 meses)

A criança apresenta uma capacidade crescente de reter os acontecimentos na memória e num tempo maior. Ao brincar ela é capaz de repetir e modificar uma ação.

### VI - Estágio (18 meses em diante)

Reproduz de memória um modelo ausente, aparece a simbolização e o faz-de-conta. Torna-se capaz de controlar seus movimentos no espaço.

### • Pré-operatório (2 a 7 anos)

Nesta fase a criança representa mentalmente pessoas e situações, age por simulação, sua percepção é global, não observa detalhes, é centrada em si mesma, não consegue se por abstratamente no lugar do outro.

### • Lógico-formal (12 anos em diante)

Esse estágio permite abstração total, a criança adquire a capacidade de pensar em todas as relações logicamente.

A teoria de Piaget chamada de epistemologia genética, explica como desde o nascimento a criança constrói o seu próprio conhecimento (FARIA, 1998).

Segundo Piaget, o ser humano constrói seu próprio conhecimento na interação homem-meio, sujeito-objeto, não sendo pré-determinado nem do sujeito nem nas características, do objeto (conhecimento).

Portanto nessa interação o sujeito tenta se adaptar ao objeto; para isso, ele busca a organização.

A adaptação ao objeto acontece através da organização,, o organismo do indivíduo discrimina entre estímulo e sensações selecionando o que irá organizar em determinadas estruturas.

A adaptação é formada por dois mecanismos quase complementares: a assimilação e a acomodação.

Na assimilação o indivíduo usa estruturas psíquicas que já possui quando não são suficientes é preciso adquirir novas estruturas, isso é, acomodação.

Na acomodação a criança modifica os esquemas para assimilar os elementos novos. Ex.: a criança ouve e começa a balbuciar palavras em resposta à conversa ao seu meio; gradualmente acomoda os sons que emite aqueles que ouve, passando a falar de forma compreensível.

Outro teórico conhecido como sócio-interacionista é Vygotsky. Lev Semiovitch Vygotsky que viveu no período de 1896 a 1934, nasceu na Rússia, formado em Direito, fez curso de Medicina, História e Filosofia, morreu jovem, de tuberculose, mas deixou importantes obras. Suas idéias só chegaram no Brasil na década de 80 (VYGOTSKY, 1991).

A concepção de desenvolvimento de Vygotsky (1991), é de um organismo ativo cujo pensamento é construído no ambiente que é histórico e social. Essa teoria enfatiza a importância do meio em que o indivíduo vive, e também o acesso que tem de instrumentos físicos (faca, mesa, etc.) adquirido das outras

gerações.

A contribuição da visão sócio-interacionista para a construção da aprendizagem tem em Vygotsky grande influência quanto à formação do pensamento no meio sócio-cultural.

O processo de internalização do conhecimento é um processo ativo onde a criança se apropria do social de uma forma particular, interagindo e transformando. Ao internalizar instruções, as crianças modificam suas funções de percepção, memória, e capacidade para solucionar problemas.

Essa teoria apóia-se na concepção de um sujeito interativo que elabora seus conhecimentos sobre os objetos, em um processo mediado pelo outro. O conhecimento tem origem nas relações sociais, sendo produzido na intersubjetividade e marcado por condições culturais, sociais e históricas.

Os estudos de Vygotsky percebem a mediação como parte relevante na relação professor-aluno, onde os saltos qualitativos são propulsores dos ganhos que o aprendiz constrói.

As zonas de desenvolvimento efetuam as etapas que possibilitam percebermos a consolidação da aprendizagem do educando.

Segundo Vygotsky (1991), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber. Todo e qualquer processo de aprendizagem, incluindo aquele que aprende, o que ensina e a relação entre ambos. Ele explica esta ligação entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal. Para ele, os problemas que uma criança pode resolver sozinha é o nível de desenvolvimento real e os que poderá resolver com a ajuda de outro aluno mais capaz, é o nível de desenvolvimento potencial.

Com isso a percepção imediata do professor sobre o potencial do aluno favorece sua visão prospectiva do aprendizado, criando estratégias que enriqueçam seu conhecimento acadêmico, afetivo e social.

A amplitude na zona de desenvolvimento proximal gera indícios poderosos para o crescimento do aluno, tendo seus pares como impulsionadores do seu aprender no mundo.

### **1.1.1 Piaget e Vygotsky semelhanças e diferenças**

Piaget e Vygotsky concordam que a criança é um indivíduo ativo que age sobre o ambiente, mas diverge em alguns pontos, exemplificados abaixo:

- Piaget dá ênfase à maturação biológica e psicológica defendendo que o desenvolvimento segue uma seqüência de estágios. Vygotsky prioriza o ambiente social em que a criança nasce. Modificando esse ambiente o desenvolvimento sofrerá influência.
- Na visão de Piaget o conhecimento é constituído pela criança de acordo com o estágio de desenvolvimento, Vygotsky discorda; para ele o conhecimento procede do social para o individual no decorrer do desenvolvimento.
- Com relação à linguagem e pensamento, para Piaget o pensamento aparece antes da linguagem, a linguagem só ocorre depois que a criança desenvolve um determinado nível de habilidade mental. Para Vygotsky

linguagem e pensamento são processos interdependentes, desde o começo da vida.

Piaget e Vygotsky deixaram um grande legado para a educação atual, através de sua obra, professores poderão se fundamentar para melhor desenvolver seu trabalho na sala de aula. Conhecendo os estágios de desenvolvimento da criança e o seu processo de maturação e trabalhando numa perspectiva construtivista fica mais fácil perceber se a criança tem alguma dificuldade de aprendizagem.

A construção do aprender depende então, da compreensão que a instituição educacional tem do processo de ensino-aprendizagem, consolidando uma ação pedagógica, portanto nas singularidades do indivíduo, nos conhecimentos prévios do mesmo e no contexto sócio-cultural que está inserido.

## **1.2 Dificuldades de aprendizagem**

Atualmente, observamos nas escolas um contingente de dificuldades de aprendizagem que são geradas nas salas de aulas por inúmeros fatores que preocupam os teóricos do ensino.

Esta realidade nos instiga a enriquecermos a nossa ação pedagógica e a escutarmos nossos alunos para conhecer sua realidade e necessidade, flexibilizando nossa prática educativa.

Das diversas definições de dificuldade de aprendizagem existentes, a definição de 1988 do *National Joint Committee of Learning Disabilities* (NJCLD), é atualmente a que tem internacionalmente maior aprovação.

Dificuldade de aprendizagem (D.A.) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. (FONSECA, 1995, p. 71)

Esse conceito de dificuldade não engloba qualquer perturbação da inteligência ou da personalidade. As crianças ou jovens com D.A. têm um potencial de aprendizagem íntegro e intacto, não são deficientes mentais, emocionais, visuais, auditivos ou motores, nem podem ser confundidos com crianças carentes ou privadas culturalmente, embora tenham uma inteligência adequada não aprendem como qualquer criança considerada “normal”.

Estes aspectos são importantes para se conceituar este grupo de crianças. O prefixo “dis” acompanha as seguintes terminologias: dislexia, disgrafia, disortografia, discalculia, etc., que estabelecem a noção de dificuldade que pode ser ou não disfunção cerebral.

Características dos indivíduos com D.A. (dificuldades de aprendizagem)

- Hiperatividade;
- Problemas psicomotores;
- Problemas gerais de orientação;
- Desordens de atenção;
- Impulsividade;
- Desordens na memória e no raciocínio;
- Dificuldade específica de aprendizagens: dislexia,

disgrafia, disortografia e discalculia;

- Problemas de audição e de fala, etc.

A criança com D.A. não pode ser considerada como uma criança deficiente, possui inteligência normal, boa recepção sensorial, motora e sócio emocional, mas também não pode ser considerada sem dificuldade.

A criança com D.A. distingue-se da criança deficiente e da normal. Possui sinais difusos de ordem neurológica provocada por fatores obscuros, ainda hoje poucos claros, mais que podem incluir índices psicológicos, variações genéticas, lesões cerebrais mínimas, etc., que interferem no desenvolvimento e na maturação do sistema nervoso central (SNC). (FONSECA, 1995, p. 96)

As D.A. não são causadas somente por fatores econômicos, nem de privação cultural, embora haja um número maior de D.A. em criança vinda de classes desfavorecidas. Nesse caso a D.A. seria uma conseqüência e não a razão da mesma.

É importante diferenciar a criança com dificuldades mais complexas daquelas que apresentam impedimentos passageiros que podem ser percebidas por um olhar mais reflexivo do educador ou com orientações específicas para a família.

Elaborar uma intervenção logo que for diagnosticado o problema, favorecerá a recuperação e a minimização de muitas dificuldades para os educandos. Quanto mais cedo for detectada a dificuldade de aprendizagem, mais chances o aprendiz terá de criar estratégias cognitivas que o ajudarão a acompanhar o trabalho em sala de aula.



### 1.3 Fatores etiológicos das dificuldades de aprendizagem

Alguns pesquisadores têm estudado diversos fatores etiológicos possivelmente provocadores das D.A. É importante saber a causa para que se possa identificar precocemente, diagnosticar e tratar. Os fatores analisados são:

- **Fatores genéticos** - Embora sabendo que o meio contribui na aprendizagem da criança não se pode negar o potencial herdado da família. Já se sabe que algumas D.A. são de natureza genética como a dislexia, onde o fator hereditário é muito mais relevante que o sócio-cultural.

Vários autores estudando a dislexia chegaram a conclusão que a genética influencia muito. Em todas as famílias pesquisadas foi identificado problemas de linguagem, atraso de fala e disfunção neurológica nos pais e nos filhos.

Finuce (1979) estudando 47 famílias chegou aos seguintes resultados: se a mãe e o pai fossem afetados de dislexia, 100% dos filhos também revelariam o problema, se apenas um dos pais fosse afetado, só o pai ou a mãe, 65% dos filhos teriam dificuldade.

- **Fatores pré, peri e pós-natais** - Alguns estudiosos pesquisaram sobre gravidez, parto prolongado e crianças prematuras. Chegaram a conclusão que esses fatores estão ligados às causas de D.A. No entanto, não se pode confirmar ainda com exatidão devido as variáveis de difícil controle como: as características das amostras, o estudo socioeconômico, os tipos de dados e os locais de recolhimento, etc., são algumas das condições que prejudica a credibilidade da pesquisa.

- **Fatores neurológicos e neurofisiológicos** - embora muitas crianças com D.A. não apresentam nenhuma lesão no

cérebro, existe um número expressivo de crianças com lesões cerebrais que são as causadoras das D.A.

Alguns pesquisadores relatam que não só as lesões cerebrais provocam dificuldades de aprendizagem, mas a maturação, as carências afetivas e a falta de estimulação precoce. Para eles, esses problemas afetam o sistema nervoso da criança quando acontecem por volta de um ano de idade, momentos em que ocorrem grandes transformações no cérebro

- **Fatores Sociais** - Sem dúvida alguma dos fatores sociais críticos podem estar relacionados com as D.A. As crianças vindas de classes economicamente desfavorecidas, sem boa alimentação, sem condição de moradia adequada, família desestruturada e até sem uma escola preparada para receber estas crianças podem agravar ainda mais o problema. "As condições sociais desfavorecidas e desumanas são indutoras de atrasos de maturação neurológica" (FONSECA, 1995, p. 114).

- **Fatores de envolvimento e privação cultural** - A criança de uma classe social baixa carece de estímulos (brinquedos, jogos, música, etc.) para desenvolver seu potencial. É comum essas crianças ficarem sozinhas aos cuidados de um irmão um pouco mais velho para a mãe trabalhar. Essa falta de estimulação (auditiva, lingüística, perceptiva) pode interferir na qualidade da aprendizagem.

As crianças com D.A. apresentam diversos problemas na escola, sendo a responsabilidade de todos (gestores, professores e pais). Reconhecer esses problemas pode ajudar a criança a desenvolver seu potencial e melhorar a auto-estima. Alguns dos problemas são:

- **Problemas Perceptivos** - São muitos os problemas das crianças com D.A., e um deles é perceptivo (visuais e os auditivos). A visão é aparentemente o maior canal de

aprendizagem. É importante ressaltar que olhar e ver são completamente diferentes. Para Fonseca (1995) uma coisa é a acuidade visual, a outra é a diferenciação estruturação e retenção da informação visual, isto é, capacidade do cérebro para interpretar dados visuais. Já na audição, a criança com D.A. ouve, mas não consegue interpretar o que ouve.

- **Problemas Emocionais** - É muito comum rotular as crianças com D.A. como: desatentas, possessivas, desorganizadas e instáveis. Este comportamento da criança surge com a dificuldade que ela tem de se adaptar ao que o meio exige dela. Estas crianças emocionalmente e socialmente desajustadas costumam obter fracos resultados escolares, o que as torna inseguras e com baixa auto-estima prejudicando ainda mais sua aprendizagem.

- **Problema de Memória** - A memorização é imprescindível à aprendizagem, principalmente a memória auditiva e visual. Elas surgem com frequência em crianças com D.A. Estas não lembram de palavras para expressar o que desejam falar, tem dificuldades de lembrar de letras, números e palavras depois de ter passado algum tempo.

- **Problema Cognitivo** - Problemas perceptivos implicam em problemas cognitivos. As capacidades cognitivas como: atenção, percepção e memória são importantes para que uma criança aprenda a codificar e decodificar informações. Se uma criança com D.A. tem problemas perceptivos, automaticamente implicará em dificuldade de aprendizagem.

- **Problemas Psicolinguísticos** - As aquisições das regras fonológicas são muito importantes para o desenvolvimento da linguagem, pois não se separam da percepção auditiva. As normas sintáticas e semânticas são pouco assimiladas nas crianças com D.A. tornando-se importante os processos

psicolingüísticos no desenvolvimento da linguagem.

- **Problemas Psicomotores** - Uma grande parte das crianças com D.A. têm seus movimentos exagerados, rígidos e descontrolados, quando a motricidade é comprometida deixa muitas vezes o indivíduo hipertônico (músculo rígido) ou hipotônico (músculo flácido). O tônus representa a maturação do SNC, ou seja. os problemas psicomotores afetam a aprendizagem.

[...] a atividade mental absorve a atividade motora, isto é, transforma-se em psicomotricidade, razão pela qual a psicomotricidade traduz a organização neuropsicológica que serve de base a todas as aprendizagens humanas. (FONSECA, 1995, p. 285-286)

- **Problemas Motores** - Segundo Fonseca (1995) a criança com D.A. não pode ter qualquer paralisia motora, mas sim uma disfunção, na elaboração ou na expressão motora. Exemplo: lateralidade cruzada, dificuldades perceptivo-motora, descoordenação óculo manual etc.

A aprendizagem de qualquer criança se dá numa interação dos aspectos: motores, afetivos e cognitivos com o meio circundante.

Diversas são as dificuldades de aprendizagem que surgem nas nossas escolas, se fazendo necessário conhecê-las para identificar e encaminhar um aluno que demonstre apresentar impedimentos psicoescolares.

Algumas dificuldades de aprendizagem como a dislexia, já são bastante conhecidas nas escolas, embora seja preciso um diagnóstico fornecido por um profissional especializado para que se descarte outras dúvidas. Nem sempre um aluno que apresenta ter dislexia realmente a tem. Às vezes é só um problema de má

alfabetização, ou seja, um aluno que não foi bem alfabetizado.

Além das dificuldades de aprendizagem existem também os distúrbios da linguagem que são: dislalia, disartria, disfonia e disfemia, que se não tratados podem levar a impedimentos no processo de aprendizagem dos alunos.

- **Dislalia** - é um distúrbio da articulação de sons, se caracteriza como substituição, distorção, omissão ou inserção de sons, na linguagem falada, em um certo período do desenvolvimento da infância. É considerado fisiológico, no entanto, se persistir poderá significar um problema.

- **Disartria** - são dificuldades motoras na articulação verbal. Existem, dois tipos de disartria: a tipo paralítico - é uma insuficiência motora nos órgãos de formação, a voz é monótona, rouca e uma tendência para a nasalação, e o outro tipo é cerebelosa - a voz apresenta-se irregular e sacudida.

- **Disfonia** - é uma grande modificação da voz: o timbre, a qualidade e o registro da voz são alterados, algumas causas da disfonia são:

- Lábio leporino e divisões palatinas;
- Rouquidão, esgotamento dos órgãos fonadores;
- Mudança da voz nos adolescentes.

- **Disfemia** - são perturbações intermitentes na emissão das palavras, sem que existam alterações dos órgãos da expressão. Este distúrbio de linguagem (gagueira) caracteriza-se por hesitação, silabação precedida ou intercalada dos fonemas qui, que, ga, gue. A gagueira revela a tendência de aumentar ou diminuir sob influência da emoção.

As outras dificuldades além da dislexia são as: disgrafia disortografia e a discalculia.

• **Dislexia** - é uma dificuldade em reconhecer, entender e reproduzir os símbolos, o que ocasiona problemas na aprendizagem da leitura e da ortografia.

As dilexias apresentam:

- confusão de letras de formas parecidas: p-q; b-d;
- inversões de letras no meio das sílabas: par-pra; omissão de letras ou sílabas;
- letra feia sem seguir linha;
- perturbação na orientação do esquema corporal;
- perturbação lateralidade;
- perturbação da análise dos sons com má apreciação na natureza das várias formas;
- perturbação do ritmo.

• **Disgrafia** - é a dificuldade em aprender a escrever. A caligrafia é deformada e até mesmo ilegível. Há dois tipos de disgrafia: a específica (originada por uma lesão orgânica no sistema nervoso), e a disgrafia motora (discaligrafia), ocorre quando a motricidade está particularmente em jogo, mas o sistema simbólico não. A criança que tem essa dificuldade apresenta:

- perturbação no esquema corporal;
- perturbação na orientação espaço-temporal;
- perturbação na lateralidade;

- perturbação na coordenação motora global (grossa e fina);
- micrografia ou macrografia;
- distorções ou deformações, etc.

- **Disortografia** - é a dificuldade para imitar a forma gráfica das palavras. É também uma alteração do conhecimento e da compreensão das formas gramaticais de gêneros, números e tempo.

- **Discalculia** - é a dificuldade em aprender cálculos básicos e só aparece em crianças que não têm dificuldades em outras disciplinas. A criança com discalculia não compreende o mecanismo da numeração e das operações simples, além de outros problemas envolvendo a matemática.

São muitas as dificuldades de aprendizagem e os problemas apresentados na escola. É preciso profissionais capacitados, infra-estrutura e interesse de todos para desenvolver um trabalho diferente com as crianças e jovens com D.A.

#### **1.4 Intervenção educativa**

A grande dificuldade de aprendizagem mais percebida na escola é a leitura. A criança que aos sete ou oito anos ainda não lê (decifra os códigos dos fonemas) é motivo de preocupação para a escola e professores. É comum começar-se a rotular crianças como portadoras de diversos “dis” (dislexia, disgrafia, etc.), sem nenhum diagnóstico.

Esse problema aumenta na escola pública onde a maioria das crianças desfavorecidas já chega à escola com desvantagem cultural.

As crianças desfavorecidas, sem interação verbal raramente brincam com letras ou números móveis, raramente contactaram com imagens e livros, raramente fizeram viagens etc., por isso, trazem para a escola um vocabulário restrito e rudimentar, muitas vezes aprendido dos irmãos mais velhos, e com uma fraca estrutura sintática, condições estas inicialmente impeditivas da aprendizagem da leitura e escrita. (FONSECA, 1995, p. 116)

A criança desfavorecida, social e culturalmente, acaba tornando-se desprotegida pedagogicamente, pois não encontra na escola apoio para superar suas dificuldades. É importante que a escola juntamente com profissionais capacitados tome novas atitudes como: analisar e flexibilizar currículos e programas para incluir de verdade estas crianças na escola.

Para Fonseca (1995), o insucesso escolar não é só uma falha da criança, muitas vezes, a falha é do professor e da escola. O professor precisa de uma melhor qualificação, possibilitando uma formação contínua, que os capacite para desenvolver meios de identificação, observação e avaliação pedagógica desta realidade.

Deve também usar muitos materiais e métodos diversificados. Um só método de aprendizagem não basta porque o modo de aprender varia de acordo com a criança.

Se partirmos do princípio sócio-interacionista na construção da aprendizagem, respeitaremos assim as individualidades do sujeito, levando em consideração seus conhecimentos prévios, podendo assim, mapear seu estilo cognitivo, promovendo o acompanhamento do planejamento



enriquecido para a sala de aula (VYGOTSKY, 1991).

Sabe-se da importância de ter na escola diversos profissionais como: psicólogos e fonoaudiólogos, mas isso não impede que o professor seja mais qualificado e conhecedor de determinadas D.A., para que se possa fazer uma intervenção prévia, pois quanto mais tempo se passar maior será a dificuldade.

Somos da opinião que o professor primário deve ele próprio construir seus instrumentos de diagnóstico psíquico pedagógico (diagnóstico informal), a fim de conduzir a sua atitude mais coerentemente. (FONSECA, 1995, p. 356)

Em se tratando de escolas públicas não existem profissionais de outras áreas, apenas do magistério, e os pais na sua grande maioria são carentes de recursos, fazendo-se realmente necessário que o professor seja capaz dentro das suas limitações de conhecer as dificuldades e intervir quando possível, e encaminhar precocemente para núcleos de acompanhamento do Estado ou Prefeitura.

No caso da dislexia o professor poderá se utilizar de algumas formas de diagnóstico como estes que são facilmente percebidos em crianças com dificuldades.

Formas simples de diagnósticos – observar se a criança:

- Não identifica sons em palavras nem sintetiza sons;
- Não realiza dissecação de sílabas;
- Tem dificuldade na composição de sons;
- Apresenta dificuldade na seqüência de sons;
- Tem dificuldade na retenção e reprodução de atividades rítmicas;

- Tem dificuldade na leitura oral;
- Tem dificuldade na compreensão da leitura.

O professor que tem interesse na aprendizagem da criança e está preocupado com o seu desenvolvimento intelectual utiliza-se de várias estratégias para alcançar seus objetivos, ou seja, a aprendizagem da criança. Algumas estratégias usadas por bons professores são:

- Construir novos temas ou conteúdo com base nos conhecimentos que os alunos já possuem;
- Utilizar as experiências diárias dos alunos;
- Tomar a aprendizagem funcional;
- Despertar o interesse pelo conteúdo contando histórias;
- Relacionar a aprendizagem com outros assuntos;
- Trabalhos de campo;
- Jogos e brincadeiras.

O papel do professor é essencial dentro da escola, pois é ele que mais observa a criança, e quem primeiro percebe as dificuldades, mas, seu papel não deve ser isolado. É preciso a participação da escola como um todo. A escola deve proporcionar condições adequadas de aprendizagem a todos para ter no futuro, novos cidadãos aptos a construir uma sociedade mais justa, culta e humanizada.

## **2. DISLEXIA: UM ENIGMA EM QUESTÃO**

### **2.1 Trajetória em discussão**

A criança que na idade escolar adequada está com plena capacidade de ser alfabetizada (no seu estado motor, cognitivo e afetivo) e não consegue aprender a ler sente-se fracassada, vê-se impedida de desenvolver seu potencial intelectual, social e emocional.

É comum nas escolas classificar esses alunos de desatenciosos: hiperativos ou indisciplinados. Com tantos rótulos o aluno acaba se evadindo ou descobrindo um meio de sobrevivência na escola que geralmente é a indisciplina.

São muitos os alunos que fracassam na escola por dificuldade de aprendizagem, especialmente em leitura e escrita. A maioria trata-se de um problema pedagógico que na própria escola deveria ser corrigido. Outros, provavelmente poderiam apresentar outras dificuldades, mas só com um diagnóstico poderá ter certeza.

Por estas razões enfatiza-se neste estudo a dislexia como uma das mais complexas dificuldades de aprendizagem.

A dislexia foi descoberta no final do século XIX, em 1877, por um médico Kussmaul que a chamou de “cegueira às palavras”. Depois em 1896, o oftalmologista inglês Pringle Morgan descreve a dislexia como cegueira verbal congênita, e atribui como uma deficiência do córtex cerebral. Em 1917 Hinsehelwood publica uma obra sobre este tema atribuindo a dislexia como uma dificuldade para aprender a ler em indivíduos de inteligência normal sem dificuldades sensoriais (CAMPOS, 2002).

A partir de 1930, os estudos sobre dislexia se estendem às dificuldades de aprendizagem da língua escrita. Desde então, médicos, psicólogos e pedagogos se dedicaram a estudar e explicar a dislexia.

Todos os pesquisadores concordam que a dislexia é um domínio insuficiente da leitura, mas discordam sobre a origem, tratamento e como classificá-la se doença ou distúrbio.

Alguns autores vêem a dislexia como um distúrbio constitucional e hereditário; outros dizem que é uma imaturidade do sistema nervoso central ou alterações neurológicas, e ainda tem os que defendem a dislexia como um problema pedagógico como Kohler. Para ele, no Japão não existem disléxicos porque as crianças têm um prazo de três anos para aprender a ler, ou seja, segundo ele tem muito mais tempo do que os outros países.

Para Lobrat (*apud* AJURIAGUERRA, 1990) a dislexia é um distúrbio que afeta a aquisição da decifração de códigos, e não dos mecanismos fundamentais da leitura. Isto se explica, por não se encontrarem disléxicos em japonês, isto é, em uma língua ideográfica (de sinais) para ele a criança disléxica é capaz de identificar (ler) sinais.

Os dois autores G. Kohler e M. Lobrat, defendendo seu ponto de vista, cita o Japão como exemplo, mas com justificativa diferente. Segundo Kohler (*apud* AJURIAGUERRA, 1990) se

houvesse um tempo maior para as crianças aprenderem a ler, como no Japão, provavelmente não existiriam disléxicos. Já Lobrat (*apud* AJURIAGUERRA, 1990) explica que o problema está na decifração dos códigos, e como em japonês a língua é ideográfica, isto é, os sinais não exprimem som, mas idéia de palavras, fica muito fácil de ler. Isso explicaria o motivo de não existirem disléxicos no Japão.

De acordo com Lobrat (*apud* AJURIAGUERRA, 1990) o disléxico não desenvolve praticamente nenhum progresso de leitura.

A dislexia se caracteriza pelo fato de que o indivíduo afetado não realiza praticamente nenhum progresso na leitura e na ortografia ao longo de sua escolaridade primária. (LOBRAT, *apud* AJURIAGUERRA, 1990, p. 20)

Já Lunay (*apud* AJURIAGUERRA, 1990) discorda, ele acredita que muitos disléxicos chegam a ler com desenvoltura.

Não acredito que baste ler mal para ser qualificado de dislexias, as dificuldades que se manifestam na escrita são um sintoma necessário sem o qual não se pode, na minha opinião falar de dislexia, ao contrário de muitas crianças disléxicas chegam a ler convenientemente aos nove ou dez anos. (LUNAY *apud* AJURIAGUERRA, 1990, p. 116)

Os alunos com dislexia se forem bem acompanhados pelos professores e por bons profissionais, certamente conseguirão avançar bastante nos estudos, não serão alunos brilhantes em linguagem, mas com certeza todos aprenderão a ler, e se tiverem esforços e ajuda, conseguirão chegar a universidade.

Os outros também divergem quanto ao tratamento, se antes ou depois da escrita.

Para A. Anizan (*apud* AJURIAGUERRA, 1989) os casos de dislexia só são identificados quando as crianças têm em torno de dez anos, isso porque sendo a dislexia um atraso na leitura e a criança começa a ler em torno dos sete ou oito anos, é evidente que se descubra à dislexia aos dez. Agora se a dislexia é uma doença constitucional como pregam alguns autores, Anizan questiona se não daria para descobrir antes dos seis anos e começar um tratamento preventivo.

Conforme P. Melekian e C. Bursztejn (*apud* AJURIAGUERRA, 1990) não é possível realizar o diagnóstico da dislexia antes dos sete anos, porque nessa idade não se pode perceber as más iniciações a leitura.

Os chamados erros característicos da dislexia não podem servir para fazer um diagnóstico, porque por um lado muitas crianças cometem esses erros de modo passageiros no princípio de sua aprendizagem e, por outro há muitos disléxicos que não os cometem. (MELEKIAN, *apud* AJURIAGUERRA, 1990, p. 90)

O que mais dificulta para ajudar um aluno que não consegue ler até os 12 anos, (regularmente na escola) é o fato de não ter profissionais adequados na escola para diagnosticar os motivos da não aprendizagem.

Isso acontece demais nas escolas públicas, os pais não tem conhecimentos, nem poder aquisitivo para realizar um tratamento extra-escolar e a escola não dispõe de profissionais especializados restando apenas aos professores realizarem os trabalhos.

Alguns autores concordam que das muitas crianças indicadas ao consultório médico, a maioria não precisa de tratamento especializado.

Para M. Stambak (*apud* AJURIAGUERRA, 1990) a escola adquiriu o costume de não considerar mais o "mau aluno" como culpado, mas sim como "doente".

Deixo claro que no estado atual da escolaridade não se pode considerar como doentes todas as crianças que fracassem em leitura e em ortografia, e que essas formas particulares de fracasso escolar, são antes de mais nada, um problema de tipo pedagógico. (STAMBAK, *apud* AJURIAGUERRA, 1990, p. 170)

O que percebemos nas escolas é que as dificuldades em leitura realmente surgem por volta dos oito anos, é a partir dessa idade que começa a haver uma preocupação maior em torno dessas crianças, ficando impossível para os professores perceberem a dificuldade de aprendizagem na educação infantil, haja vista, que a criança começa a ser alfabetizada a partir dos seis ou sete anos quando começam a aparecer os sintomas das dificuldades.

São muitos os autores que pesquisaram e pesquisam a dislexia, pois há ainda muitas dúvidas e controvérsias, principalmente se os alunos são disléxicos ou mau leitores, a verdade é que existem os dois. Os maus leitores foram alunos vítimas de métodos de aprendizagem falhos, os chamados problemas pedagógicos e os disléxicos que são crianças que embora com todas as características normais não aprendem a ler ou lê com dificuldade. Estas crianças com distúrbios precisam de apoio especializado dentro da escola para que possam como qualquer outra desenvolver seu potencial.

## 2.2 Enigma dos indivíduos disléxicos

O aluno disléxico apresenta diversos tipos de dificuldades de aprendizagem, o maior deles é o da leitura, esse aluno quando se vê incapaz de aprender, se sente diferenciado das outras crianças e passa a sofrer de diversos problemas emocionais.

Muitos estudiosos têm tentado explicar as causas da dislexia, entre eles a tese de Orton, tese genética, teoria psicológica, teoria pluralística de causação, tese de Carl Delacato, lesão cerebral mínima e atraso maturacional.

Essas são algumas opiniões referentes à natureza da dislexia:

- **Tese de Orton (1990)** - A dislexia seria causada por uma inadequada instalação da dominância lateral, o hemisfério esquerdo comandava a metade direita do corpo e o direito à esquerda.

- **Tese genética de Bertel Hallegren (1990)** - Defende que a dislexia deve-se a um fator hereditário resultante de gene monohíbrido dominante, e caso houvesse problemas de leitura em um ou mais integrantes da família.

- **Teorias psicanalíticas (1990)** - No período de 1935 a 1955 psicanalistas e psicólogos clínicos divulgaram as dificuldades na leitura como sintomas de problemas emocionais e sugeriram a terapia como tratamento.

- **Teorias pluralísticas de causação (1990)** - Psicólogos educacionais e experimentais defendiam essa tese devido a uma grande quantidade de deficiências físicas, emocionais, sociais e educacionais apresentados pelos portadores de dificuldades em leitura.



- **Tese de Carl Delacanto (1990)** - Para ele o mais importante é a necessidade de conquistar uma maturação neurológica através de etapas de desenvolvimento.

- **Lesão cerebral mínima** - Para Sam Clemens (1990) a dislexia seria causada por um dano neurológico mínimo que afeta a aprendizagem e a conduta do indivíduo sem uma diminuição evidente de sua capacidade intelectual.

- **Atraso maturacional** - Esse conceito de Laurentta Bender (1990) se refere à lentidão no desenvolvimento de certos aspectos neurológicos especializados no contínuo de leve a severo.

Além de conhecermos a natureza da dislexia é importante sabermos os tipos de dislexia, pois só entendendo as diversas formas de manifestação, se tornarão possível melhorar o atendimento as crianças.

Os tipos de dislexia são:

- **Dislexia da linguagem interior** - O aluno percebe os grafemas e os traduz para equivalentes auditivos, lendo alto, a função de significação não é atingida.

- **Dislexia intermodal** - É a consequência de alterações nos processos cognitivos que permitem a transformação de significantes visuais em auditivos ou vice-versa. Há dificuldade em “ouvir” o som da letra, assim como é difícil procurar o grafema que corresponde ao som da palavra pretendida.

- **Dislexia auditiva ou disfonética** - Atinge o processo cognitivo que relaciona os fonemas com os grafemas. Ler é ver e ouvir. A visualização demonstra a capacidade de simbolizar e de codificar informações.

Algumas das dificuldades são:

- Dificuldade na compreensão das palavras;
- Dificuldade na articulação de sons;
- Não identifica animais ou pessoas em imagens;
- Não relaciona a comunicação com a experiência concreta.

• **Dislexia Visual ou Deseidética** – É quando as letras são reconhecidas em tamanho, formas, retas e curvas; o problema é o de discriminação que afeta a codificação visual dos grafemas e a formação das palavras.

Exemplos de dificuldades visuais:

- Dificuldades em perceber imagens;
- Dificuldade em fixar o olhar;
- Dificuldade em discriminar formas, tamanhos e cores;
- Dificuldade nas relações espaciais (não diferencia perto/longe; alto/baixo; à frente/atrás; à esquerda/à direita).

A criança disléxica devido aos seus fracassos escolares apresenta vários problemas emocionais. Um deles é a atitude depressiva, o aluno sente-se deprimido, triste e culpado, recusa a situações que exijam rendimento sistemático e ativo. Em alguns casos demonstra ter atitudes agressivas diante de superiores e iguais, é negativo e às vezes hostiliza colegas e professores.

O enigma destes alunos se consolida nas diversas formas de exclusão que são vítimas, negligenciando uma ação pedagógica

que viabilize estratégias metodológicas que procurem caminhos para facilitar seu aprendizado. Compreendendo seu mundo, evitaremos culpá-los por possuir uma dificuldade que desafia a ciência a encontrar uma causa que aponte os reais motivos da dislexia.

### **2.3 Leitura e escrita: conflitos cotidianos**

A criança que não sabe ler ou lê com dificuldade tem uma grande possibilidade de fracassar em todas as matérias escolares, não consegue ler sinais, advertências, avisos, instruções, notícias, cartas, não se desenvolve intelectualmente, nem decifra o mundo que está a sua volta.

A leitura que aflige tanto as crianças com dificuldades não é uma habilidade separada, e sim, faz parte de um processo lingüístico complexo.

O desenvolvimento da linguagem tem várias etapas, onde a leitura e a escrita seriam os estágios superiores. Para desenvolver a linguagem é preciso que a criança receba primeiro os estímulos auditivos, visuais, táteis, olfativos e gustativos, aos quais associados chegam a ser muito importante. Com esses elementos a criança forma uma linguagem interna.

Posteriormente, a criança começa a escutar símbolos auditivos que mostram acontecimento do seu dia-a-dia, os quais aos poucos passam a ser significativos para ela. Desse modo, desenvolve uma linguagem receptiva e mais adiante através da imitação e utilizando símbolos verbais, entra no período da linguagem expressiva, e finalmente, entre seis e sete anos aprende a ler pela imposição de sinais verbais, visuais à sua linguagem auditiva.

Para Condemarin (1989), ler é uma parte do desenvolvimento total da linguagem. Da mesma forma, as dificuldades da leitura não podem considerar-se de maneira isolada, mas formando parte de uma deficiência na estrutura e/ou organização da linguagem em geral.

Qualquer criança que tem dificuldade de lê, sofre com esse problema, é importante ressaltar que nem todas são disléxicas, existem várias causas que impedem o aluno de aprender como QI abaixo de 70 ou imaturidade na iniciação da leitura, muitas vezes pais e professores não respeitam os estágios da leitura que a criança precisa para se desenvolver e acabam por gerar uma dificuldade maior.

Segundo Mabel (*apud* CONDEMARIM, 1989), ainda existe as alterações no estado sensorial e físico (saúde deficiente), problemas emocionais, carência cultural e métodos de aprendizagem inapropriados, todos esses problemas são de crianças que tem dificuldades de leitura e que necessariamente não são disléxicas.

O sintoma mais expressivo em um disléxico é a persistência de seus erros ao ler e escrever. Quando um especialista faz uma leitura oral com um disléxico, normalmente consegue detectar uma ou mais causas descritas abaixo:

1. Confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia: a-o; c-o; e-c; f-t-h-n; i-j; m-n-v-u, etc.

2. Confusão entre letras, sílabas ou palavras com grafia similar, mas com diferente, orientação no espaço: b-d; b-p; b-q; d-b; d-p; d-q; n-u; w-m; a-e.

3. Confusão entre letras que possuem um ponto de articulação comum, e cujos sons são acusticamente próximos: d-t; j-x; c-g; m-b; b-p; v-f.

4. Inversões parciais ou totais de sílabas ou palavras: me-em; sol-los; som-mos; sal-las; pal-plas.

5. Substituição de palavras por outras de estruturas mais ou menos similares ou criação de palavras, porém com diferente significado: soltou/salvou; era/ficava.

6. Contaminação de sons.

7. Adição ou omissões de sons, sílabas ou palavras: famoso substituído por fama; casa por casaco.

8. Repetições de sílabas, palavras ou frases.

9. Pular uma linha, retroceder para linha anterior e perder a linha ao ter.

10. Excessivas fixações do olho na linha.

11. Soletração defeituosa: reconhece letras isoladamente, porém sem poder organizar a palavra como um todo, ou lê a palavra sílaba por sílaba, ou ainda lê o texto "palavra por palavra".

12. Problemas de compreensão.

13. Leitura e escrita em espelho em casos excepcionais

14. Ilegibilidade.

As características da leitura de um disléxico raramente aparecem sozinhas, normalmente acompanham outras perturbações que alteram a aprendizagem como:

- **Alterações na memória** - dificuldade para lembrar palavras, sons que escutam, lembrar fatos passados ou até mesmo dificuldade para memorizar, visualmente os objetos, palavras ou letras.

- **Alterações na memória de séries e seqüências** - tem dificuldade para aprender séries, como os dias da semana meses do ano e o alfabeto, demora aprender o significado de seqüência e tempo.
- **Orientação direita e esquerda** - são incapazes de aprender a noção de direita e esquerda, tem como freqüência dificuldade para situar-se com relação a mapas, globos terrestre e em seu próprio ambiente.
- **Linguagem escrita** - quando uma criança não consegue ler com facilidade, provavelmente não consegue também escrever corretamente, alguns disléxicos conseguem copiar, porém quando escreve, revela sérias complicações, além dessas, tem dificuldade para expressar idéias com boa sintaxe, seqüência e estrutura adequadas.
- **Dificuldade em matemática** - não entende a formulação de problemas (já que é difícil ler) quando uma dislexia é grave falham também os aspectos operatórios, pois eles invertem os números ou então sua seqüência.

São muitos os problemas enfrentados no dia-a-dia por alunos disléxicos, mas através de técnicas terapêuticas, a maioria dos disléxicos consegue dominar as habilidades da leitura informativa ou do estudo, mas para isso ele terá que se dedicar.

É verdade que ninguém consegue superar suas dificuldades sozinho, mesmo com muito esforço, no caso dos disléxicos é preciso profissionais capacitados, interessados e compreensivos, algumas vezes o disléxico devido as suas dificuldades se torna tímido ou agressivo, por isso, o professor deverá contribuir de uma forma especial para ajudá-lo a crescer e desenvolver-se.

## **3. COMPREENDENDO O ALUNO DISLÉXICO**

### **3.1 Contexto familiar**

Cada vez que nasce uma criança, uma nova esperança chega ao mundo de que esta se torne futuramente um cientista, um filósofo, um homem ou mulher com futuro brilhante é esse o desejo de muitos pais, estes sabem que sua dedicação é fundamental para superar os desafios.

Os pais esperam que os filhos sejam bem sucedidos, mas o sucesso depende da visão de cada um, para muitos o importante é a riqueza de bens materiais, outros aspiram à fama e há ainda os que desejam paz de espírito e realização profissional.

Muitas vezes o desejo do filho não é o dos pais, e estes precisam respeitar. Os pais geralmente são os grandes incentivadores dos filhos, mas se algum desses tiver dificuldade de aprendizagem o incentivo e a responsabilidade provavelmente será maior.

Os pais têm uma importância muito grande na vida dos filhos e apesar da sua jornada de trabalho não pode delegar a escola à exclusividade da educação das crianças.

O art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), n.º 9.394/96, diz que: "A educação é dever da família e do Estado", cabe aos pais iniciar o processo de ensino básico às crianças orientá-las e acompanhar o desenvolvimento delas na escola.

A família tem uma função que é de suma importância para a sociedade, pois crianças educadas com amor, limites e respeito saberão respeitar o outro e aceitar suas diferenças.

Para Terkesen, 1980 (*apud* CAMPOS, 2002) a família é um pequeno grupo social composto por indivíduos relacionados uns aos outros em razão de forte lealdade e afeto recíproco, ocupando um lar ou conjunto de lares que persiste por anos e décadas. Entra-se na família através do nascimento, adoção, casamento e deixa-se de fazer parte dela apenas pela morte.

As famílias geralmente desenvolvem laços muito fortes de amor e companheirismo entre os membros. Para muitos, família é algo sagrado indissolúvel, e é verdade que não é possível demitir-se dela.

Segundo a igreja cristã, família é uma instituição divina, tão importante que foi criada antes da igreja, antes do Estado e antes da nação. Para os que crêem, quando Deus criou o homem, logo fez a mulher (Gn 2.18). Deus tinha em mente a construção da família e disse: "Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra" (Gn. 1.27-28) e concluiu seu desejo de família dizendo: "Portanto deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá a sua mulher e serão ambos uma só carne" (Gn. 2.24).

Infelizmente nos tempos modernos a família está se resumindo a mães e filhos. Hoje é comum existir famílias chefiadas apenas pela mulher, que assume todas as responsabilidades da casa, provendo sozinha o sustento da família (educação, lazer e outras necessidades básicas).



É importante ressaltar que muitas dessas famílias passaram por separações, outras o pai nunca existiu (esteve presente). Em todos os casos, a falta da figura paterna ou o conflito entre os pais irá afetar a área emocional da criança refletindo na aprendizagem.

Nos últimos anos a escola tem convivido com diversos dramas familiares que chegam na escola através das crianças. São problemas com drogas, violência e miséria, muito dos alunos da escola pública tem sua única refeição na escola.

Para a escola com poucos recursos financeiros e humanos é extremamente difícil educar uma criança que chega com tantos conflitos familiares. Infelizmente, essa não é uma realidade só da escola pública, hoje ela está presente em todas as classes sociais.

Todos nós sabemos que a criança precisa de um lugar harmonioso para se desenvolver e crescer sadiamente, mas infelizmente o lar que deveria ser o apoio da criança algumas vezes se torna um problema.

Segundo Dinah (2002), a atitude que a criança tem com a vida e as pessoas, decorre do clima emocional do lar.

Se o clima dominante no lar é de tensões e preocupações constantes provavelmente a criança se tornará uma pessoa tensa, com tendência a aumentar a proporção dos pequenos fracassos e recursos próprios da continência da vida humana. Se o fracasso é autoritário, onde os pais estão sempre certos e as crianças erradas a criança pode-se tornar acovardada e submissa com professores [...]. Se o clima emocional do lar é acolhedor e permite a livre expressão emocional da criança, ela tenderá a reagir com espontaneidade a manter relações amistosas com todos, ou a expressar seus sentimentos positivos ou negativos, livremente. (CAMPOS, 2002, p. 151)

Como vimos, à família tem uma grande responsabilidade com a criança, pois é neste meio que ela vai desenvolver hábitos de higiene, valores morais, clima emocional e uma série de atitudes diante do mundo.

Mas como já mencionamos, a família precisa prover o sustento do lar e para isso, os pais se ausentam de casa o dia todo, deixando as crianças, aos cuidados do filho mais velho, às vezes uma criança também.

Sabe-se que essa realidade, não é privilégio dos menos favorecidos, a diferença é que a classe favorecida economicamente deixa seus filhos em creches com toda infraestrutura ou com babás.

É verdade que o melhor para a criança seria ficar mais tempo com a família, mas como hoje há necessidade das mães trabalharem fora, não só em termos financeiros, mas a necessidade de se desenvolverem profissionalmente, faz-se importante que as horas com as crianças sejam de qualidade.

Esse tempo que os pais precisam dedicar as crianças é muito importante para o seu desenvolvimento afetivo e intelectual, principalmente se a criança tiver algum dificuldade de aprendizagem, pois detectado o problema será necessário um acompanhamento específico e mais dedicação da família.

Nesse caso é importante que toda a família, incentive a criança, elogie o seu desempenho e acredite que ela é capaz, ou seja, assuma sua principal função de instituição humanizadora, socializadora e educativa, protegendo e assegurando o seu desenvolvimento, segurança e apoio a criança.

### **3.2 Ambiente educativo: escola**

A função social da escola diferencia-se de outras práticas educativas como as que acontecem na família, no trabalho, no lazer e nas inúmeras formas de convívio social, por se estabelecer de objetivo: intencional, sistemático e planejado.

A principal função da escola é colaborar com os alunos para que estes se apropriem de conteúdos sociais e culturais, de maneira crítica e construtiva, para que possa desenvolver seu potencial intelectual e se inserir na sociedade de uma forma crítica e participativa.

É na escola que o aluno experimenta situações diversificadas onde favorecem o aprendizado que ele precisará para viver em sociedade. Como aprender a respeitar e ser respeitado, ouvir e ser ouvido, lutar por direitos e cumprir obrigações e participar ativamente da vida cultural social e política.

O direito ao conhecimento e a cultura de uma forma geral é um direito de todos os cidadãos, mas infelizmente a escola continua seletiva e discriminatória com as crianças com D.A., colocando os programas e métodos à frente da criança sem o respeito que ela merece, ao contrário, isola-a deixando o aprendizado com a mesma.

Agindo assim, a escola deixa de lado uma de suas finalidades que é proporcionar a todas as crianças, sem distinção, o prazer da cultura adquirida pela experiência social das gerações antecedentes, e passa a valorizar apenas os mais dotados, criando mais problemas para os que apresentam dificuldades de aprendizagem.

O insucesso da criança na escola deve ser visto em termos construtivos e não em termos humilhantes, como acontece na maioria de nossas escolas, onde uma criança com D.A. acaba sendo vista como uma criança que não aprende, e não tem capacidade de acompanhar o desenvolvimento dos outros, ficando assim, excluída na própria sala de aula.

Um caso como este não aconteceria se a escola adaptasse um currículo a necessidade da criança com D.A.. Não seria um novo currículo, mas o já existente com modificações mais dinâmicas e flexíveis.

Ao se falar da escola é importante ressaltar os dois tipos de escola: a particular e a pública. A primeira conta com o apoio de vários profissionais que orientam o trabalho com as crianças com D.A., além do apoio dos pais que quase sempre são mais atentos, talvez por ter mais conhecimento consigam se interar melhor do problema.

Já na escola pública a situação é diferente, o único profissional é o educador, os pais não podem custear financeiramente o tratamento das crianças que ficam apenas aos cuidados especiais do professor.

Garantir uma escola de qualidade para todos é um dever do Estado e um direito de todos nós. Não basta assegurar a criança uma matrícula na escola, mas garantir sua permanência. A criança deve permanecer na escola que a respeita e supre suas necessidades. No entanto, existem poucas escolas com esses atributos. Eis alguns critérios para identificar uma escola de qualidade:

- **Efetividade no ensino-aprendizagem:** organização e articulação do currículo; proteção do tempo de aprendizagem; práticas efetivas dentro da sala de aula; estratégias diferenciadas de ensino.

- **Envolvimento dos pais e da comunidade:** comunicação freqüente entre corpo docente e pais sobre os objetivos da escola e o desempenho de seus filhos.

- **Excelência dos recursos humanos** - formação e experiência docente: Capacidade de comunicação, estabilidade, dedicação em tempo integral. compromisso, etc.

- **Gestão escolar** - decisão colegiada, trabalho em conjunto, clareza dos objetivos, etc.

- **Instalações e materiais:** instalações adequadas da escola e das salas de aula, disponibilidade de livros - textos e outros materiais de leitura, disponibilidade de material escolar.

- **Trabalho em equipe** - Toda comunidade escolar deve trabalhar em conjunto para o alcance dos objetivos da escola

- **Programas especiais** - organização de programas especiais para crianças com dificuldades de aprendizagem e outras limitações, etc.

O professor que é comprometido com a educação para todos adota alguns critérios em sala de aula para obter melhores resultados. Os critérios possíveis para minimizar estas dificuldades seriam:

• **Finalidade** - A atividade precisa ter sentido para as crianças tem que fazer parte do dia-a-dia, pois se torna difícil de aprender se o conteúdo não faz sentido para o aluno, o aprender precisa estar relacionado com a vida dele

• **Variedade** - se refere a oferecer um conjunto de assuntos diferentes, proporcionando contextos de aprendizagem além de materiais didáticos diversificados.

- **Escolha** - permite que o aluno seja mais participativo da sua aprendizagem dando oportunidade de escolher as atividades. Ao escolher o aluno sente-se mais valorizado, pois sua opinião passa a ser importante. Vale ressaltar, que o aluno precisa de estímulo para escolher, é necessário que exista possibilidade de escolha além das explicações e exemplos de como fazer as escolhas.

- **Análise** - conhecer bem seus alunos, por isso, é fundamental uma observação e registro sistemático dos seus progressos.

- **Cooperação** - consiste em o professor organizar aulas de modo que os alunos possam cooperar entre si, como por exemplo, trabalhos de grupo.

O professor principalmente o da escola pública é um profissional criativo, vive criando situações para amenizar a carência de material e recursos humanos da escola, mas sozinho, sem a participação do núcleo gestor e dos pais, fica muito difícil encontrar uma solução definitiva.

A dinâmica escolar é de suma importância para essa flexibilização curricular, tendo todos os profissionais como parceiros que mobilizam as práticas pedagógicas e de relações interpessoais como partes propulsoras de mudanças da realidade dos alunos com dificuldades.

### **3.3 Contexto sócio-cultural**

As crianças portadoras de deficiência ou com D.A. são marginalizadas pela escola do mesmo jeito que são pela sociedade, a escola não é democrática porque a sociedade em que

vivemos não é verdadeiramente democrática a escola reflete a sociedade e esta é inserida na escola.

No entanto, se a escola se dispuser a fazer um trabalho de qualidade de inserção sem exclusão, ou seja, como acontece nas escolas públicas onde se aceita uma criança com D.A. (inclui), mas não se faz nada por ela (exclui), estará mudando a sociedade de forma que, esta passe a ser mais receptiva e menos preconceituosa, afinal a sociedade somos todos nós.

A verdadeira escola é a que prepara o aluno para a vida e não se prende apenas a leitura e conteúdos (não que não seja importante) se preocupa em inserir o aluno na sociedade, oportunizando a formar redes de amizade, conhecendo pessoas e participando de eventos da escola e comunidade, mostrando para ambos que tem dificuldades, mas tem outras habilidades.

Isso com certeza ajudaria o aluno com dislexia a se relacionar melhor ele não se sentiria tão incapaz e inferior aos colegas da escola e da sua comunidade, e esses colegas não o humilhariam, porque todos nós sabemos que quando uma criança de 8 a 12 anos ainda não lê, os colegas são os primeiros a humilhá-los.

Uma escola inclusiva tende a gerar uma sociedade também inclusiva, é verdade que os disléxicos não sofrem tanto o preconceito na comunidade porque sua necessidade não é física, portanto, não aparece, mas basta saber que a criança não lê para começar os problemas.

É nesse ponto que a sociedade precisa aceitar as diferenças, é claro que vivemos em uma sociedade onde a leitura (decodificação) é fundamental no dia-a-dia, e quase indispensável ao trabalho, mas não dá o direito de excluí-las.

A criança com D.A. tem uma vida absolutamente normal, haja visto que ela não tem nenhuma deficiência, apenas a dificuldade em leitura, portanto, é uma criança que futuramente pode trabalhar de acordo com o seu potencial.

Desenvolver as competências e habilidades das crianças é responsabilidade dos pais e da escola. Por isso, é importante a união de ambas para poder se ajudar mutuamente em prol desses objetivos.

A criança disléxica que já apresenta diversos problemas emocionais devido a sua dificuldade, começa a se isolar da turma, prejudicando-a ainda mais. É importante que as crianças formem laços de amizade, a interação com os amigos é essencial para o desenvolvimento da criança, esta quando estabelece suas primeiras relações costuma se mostrar solitária e independente, e só permanece no grupo se gostar da atividade e das outras crianças.

As relações entre crianças são complicadas e, para fazer parte de um grupo, são exigidas certas afinidades. Em muitos casos, crianças com comportamentos diferentes dos do grupo são rejeitadas. Uma boa adaptação social é fundamental nesses relacionamentos, ficando para pais e professores a responsabilidade de inserir as crianças.

A atividade social da criança varia conforme sua idade e suas próprias experiências. A criança enfrenta seus relacionamentos dando a cada um deles um tratamento diferenciado. Na primeira infância, só os pais são importantes. Mais tarde, ao entender que existe um mundo maior além da família, inicia-se na independência com relação à mãe e valoriza o resto do grupo familiar. Mais adiante entra em contato com outros grupos sociais, formando os amigos.



Os amigos, assim como os pais e professores se forem atenciosos e se quiserem irão ajudar muito a criança disléxica a retomar sua confiança e auto-estima, refletindo assim, na aprendizagem.

## **4. RESPEITO ÀS DIFERENÇAS E A INDIVIDUALIDADE DA CRIANÇA DISLÉXICA**

### **4.1 Auto-estima e individualidade das crianças com dislexia**

A auto-estima que a criança desenvolve, seja em casa ou na escola, é muitas vezes a interiorização do bem-querer e da confiança que as pessoas tem por ela, por isso é importante o adulto confiar e acreditar na criança a qual trabalha, além de criar situações dentro da sala de aula para que todas as crianças possam se manifestar (falar e ouvir), e ter respeitado os seus hábitos, ritmos e preferências individuais, se a criança se sentir aceita ela terá sua autoconfiança fortalecida.

No entanto, o adulto precisa acompanhar a criança na construção da autoconfiança, pois este processo envolve avanços e retrocessos, a criança pode de repente ter medo ou demonstrar sentimentos de vergonha, fazendo-se necessário o adulto (professor ou pais) apoiá-la de forma segura, mas flexível.

A colaboração de pais e professores é muito importante no desenvolvimento da construção da identidade e autonomia da criança, os professores e pais devem estar atentos, para que

mesmo no grupo a criança tenha sua individualidade demarcada, isto é fundamental para que ela perceba que mesmo num grupo sua individualidade não é nula.

A palavra identidade significa distinção, isto é, diferenciação entre as pessoas, a começar pelo nome, depois pelas características físicas e os modos de pensar e agir, e da história de vida de cada um. Essa construção é gradativa e se dá pelas interações sociais entre as crianças, onde através da brincadeira percebe a si e ao outro.

O modo como a criança se vê depende também de como é vista pelo outro, se ela é aceita pelo grupo independente de suas dificuldades. Isso contribuirá efetivamente para a sua personalidade e auto-estima.

Vale ressaltar a importância de se trabalhar a autonomia da criança, para que esta possa tomar decisões próprias. Autonomia significa considerar as crianças como seres com vontade, capazes de construir seu próprio conhecimento.

Os benefícios que a autonomia e a auto-estima faz pela criança na construção da aprendizagem são muitos e serve de incentivo para a escola valorizar esses princípios e ainda respeitar todas as crianças individualmente. A partir do momento que entram na sala de aula todas são iguais, mas o que ainda observamos na prática é o desrespeito, a homogeneização das ações pedagógicas, como se todas fossem capazes de aprender no mesmo ritmo. Essa visão é presenciada na maioria das escolas que possuem alunos disléxicos.

Os currículos destas instituições são inflexíveis, não dinamizando suas ações pedagógicas propostas nos objetivos e conteúdos desenvolvidos. O currículo é criado de forma generalizada para todos, sem pensar na individualidade de alguns e nas suas diferenças que muitas vezes são mais lentos.

Precisando de um tempo maior para compreender determinados conteúdos, esses alunos passam a serem comparados com os outros prejudicando, ainda mais o seu aprendizado. Estes se sentem desvalorizados e acabam por incorporar o rótulo de fracassado.

Para melhor atender os alunos com dislexia, é importante que se faça uma adaptação curricular, ou seja, flexibilizar o currículo para atender às diferentes características e necessidades dos alunos, garantindo-lhes acesso ao ensino e a cultura. No momento em que for criado critérios e tomadas medidas de acordo com a pedagogia da diversidade se tornará possível melhorar o atendimento as crianças disléxicas.

Para ajudar na construção da diversidade é preciso modificar elementos da prática educacional tão difundido na escola, como exemplo:

- **A organização na sala de aula** – organizar as mesas permitindo a cooperação entre os alunos ou a criação de esforços na sala de aula que favoreça ao aluno desenvolver autonomia no trabalho. Quando o professor organiza algumas atividades em equipe, ele ganha tempo para atender os que têm mais dificuldades. Um outro aspecto importante é que o professor precisa observar o tempo destinado as atividades, e que deve respeitar o ritmo de cada aluno dos mais lentos aos mais rápidos.

- **Atividades** – é preciso diversificar as atividades, variando o grau de complexidade, tornando-as adequadas ao nível de conhecimento do aluno e respeitar os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem de cada um.

- **Metodologia** - utilizar um maior número possível de materiais, porque aumentando a diversificação de materiais, maiores são as possibilidades de atender à diversidade.

Todos os princípios adotados na escola não irão minimizar os problemas das crianças e jovens com dislexia, mas com certeza ajudarão na construção do seu conhecimento.

## **4.2 Prática pedagógica e o currículo**

Nos últimos tempos tem se percebido a grande contribuição das ciências pedagógicas e psicológicas explicando como se dá o conhecimento humano, e essas explicações muito têm contribuído para a prática pedagógica de vários professores, no entanto, esses precisam estar constantemente informados e capacitados para ter uma prática de qualidade.

Uma das maiores preocupações dos professores em sala de aula continua sendo a aprendizagem do aluno (se estes estão aprendendo, se tem dificuldade, e o que podem fazer para melhorar).

Existem duas formas de aprendizagem: uma se dá espontânea e informal, e outra de forma intencional e sistemática. A informal se dá nas múltiplas situações de vivências do cotidiano, ou seja, nas convivências com outras pessoas, na rua, nos passeios, etc.

A aprendizagem intencional é aquela que é propiciada intencionalmente, ela deve ser ativa e inteligível e não depende de ocorrências ocasionais, mas sim de interesse e exercícios sistemáticos.

Para uma boa prática pedagógica é fundamental que o professor esteja capacitado para assumir sua função de educador que é ajudar o aluno a se desenvolver individual e coletivamente nos seguintes aspectos: cognição, afetividade, a psicomotricidade

e o modo de viver.

“O desenvolvimento do educando significa a formação de suas convicções afetivas, sociais, políticas: significa o desenvolvimento de suas capacidades cognoscitivas e de suas habilidades psicomotoras.” (LUCKESI, 1990, p.13).

Na prática docente o educador se utiliza de alguns princípios com o interesse de obter seus objetivos que no caso é o desenvolvimento do aluno, para isso ele planeja, executa e avalia. O educador consciente não avalia só o seu aluno, mas também sua prática e sabe que o planejamento é um ato político, científico e técnico e precisa estar de acordo com o Projeto Pedagógico da escola e do Projeto Curricular Institucional.

A execução do planejamento é dinâmica e pode ser alterada e adaptada na medida em que os dados da própria execução venham a exigir. Por exemplo, se o aluno tem dificuldade em entender um conteúdo novo, o professor tem que tomar a decisão de retomar o conteúdo já visto.

Mas, normalmente o professor costuma esperar que todos os seus alunos aprendam no mesmo ritmo e que uma metodologia adotada sirva para todos, no entanto devemos estar atentos a alguns princípios como:

- As aprendizagens dependem das características singulares de cada aluno;
- As experiências prévias que cada aluno viveu ao longo de sua vida têm uma grande influência na aprendizagem que realiza;
- A forma e o ritmo de aprendizagem variam de acordo com as capacidades, as motivações e os interesses de cada aluno.

Esses princípios estão bem de acordo com a diversidade, no entanto alguns professores não conseguem desenvolver em sala de aula, talvez por não terem técnicas e métodos adequados para realizar este trabalho.

Mesmo assim, é comum encontrarmos na escola professores interessados e capacitados na aprendizagem daqueles que tem dificuldade e tentam através de esforços próprios e poucos recursos incluir a criança, na sala de aula, interagindo-a com o restante da turma e diversificando algumas atividades.

Mas não basta fazer atividades aleatoriamente, é preciso uma rotina. A criança tem de sentir-se parte da sala de aula tão importante quanto os demais. Cabe a escola fazer os projetos e adaptações que incluam a criança todos os dias, o ideal seria elaborar estratégias pedagógicas que facilitem o alcance dos objetivos por parte do aluno com dislexia.

Esta intervenção pode ser viabilizada através das adaptações curriculares. Estas se apresentam como possibilidades educacionais de amenizar as dificuldades de aprendizagens dos alunos. As adaptações devem ser usadas de acordo com as peculiaridades dos alunos com dificuldades, ao fazer uma adaptação curricular é importante que se observe alguns critérios como:

- O que o aluno deve aprender;
- Como e quando aprender;
- Que formas de organização do ensino são mais eficientes;
- Como e quando avaliar o aluno.

As adaptações curriculares não podem ser vistas como um processo exclusivamente individual, mas no conjunto envolvendo três níveis:

- Projeto pedagógico (currículo escolar);
- Currículo desenvolvido na sala de aula;
- Individual.

• **As adaptações do currículo escolar** - são medidas de ajuste do currículo, mas que nem sempre precisam fazer adaptações individuais e visam apenas flexibilizar o currículo para que ele possa ser trabalhado na sala de aula, e atende as necessidades dos alunos com dificuldades.

Algumas medidas são adotadas:

- A escola estimula a diversificação técnica, procedimentos e estratégias de ensino;
- A escola define objetivos gerais levando em conta a diversidade dos alunos;
- A escola flexibiliza os critérios e os procedimentos pedagógicos levando em conta a diversidade dos alunos.

Essas adaptações devem envolver toda a equipe da escola assim como avaliar e identificar as necessidades especiais e providenciar o apoio correspondente para professor e o aluno, a escola deve reduzir ao mínimo os recursos externos, a escola.



• **As adaptações relativas ao currículo da classe** -  
Essas medidas são realizadas pelo professor com o objetivo de programar as atividades da sala de aula e favorecer a participação e integração do aluno e sua aprendizagem.

Alguns exemplos de medidas do currículo da classe:

- Os alunos são agrupados de modo que favoreça as relações sociais e o processo de ensino e aprendizagem.
- A seleção dos recursos materiais é feita de modo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos.
- A avaliação é flexível de modo que considere a diversificação e os critérios de instrumentos e leve em conta diferentes situações de ensino-aprendizagem e condições individuais dos alunos.

• **As adaptações individualizadas do currículo** – Essa modalidade focaliza a atuação do professor na avaliação e no atendimento do aluno e tem o currículo regular como referência e criam formas de adequá-los de acordo com a necessidade do aluno.

Esses são alguns critérios considerados para identificar a necessidade das adaptações curriculares:

- A real necessidade dessas adaptações;
  - A avaliação do nível de competência curricular do aluno, tendo como referência o currículo regular.
- (MEC, 1997)

Todas essas adaptações com certeza irão ajudar ao professor desenvolver melhor sua prática na escola e todos os alunos serão beneficiados com essa estratégia, principalmente os que têm dificuldade de aprendizagem como os disléxicos, mas para isso, é importante a união de todos na escola e na família em prol do mesmo objetivo, a aprendizagem do aluno.

A seguir algumas propostas que poderão ser aplicadas em sala de aula com o intuito de melhorar a aprendizagem da criança com dificuldades:

- Sentar as crianças em cadeiras mais próximas do professor para que este observe e atenda melhor a criança;
- Retirar objetos da sala que possa distrair os alunos;
- Optar por atividades de casa curtas e motivadoras;
- Valorizar através de elogios os progressos da criança;
- Utilizar métodos visuais e globais, com recursos de imagens e fichas coloridas e desenhadas.

Algumas atitudes que potencializam o rendimento escolar:

- Deve-se oferecer à criança um clima de compreensão ante os problemas que possam surgir em seus estudos, além de ouvir sua opinião deve se refletir sobre os motivos desses problemas, que podem originar-se de oscilações próprias da idade;
- A colaboração e participação dos pais nas tarefas escolares fazem melhorar o rendimento da criança;

- Conhecer as possibilidades e limitações da criança para melhor atendê-la.

Alguns lembretes importantes:

- Os professores não são os únicos responsáveis pela educação da criança. A instituição escolar é responsável pela área pedagógica, relacionada com sua aprendizagem escolar.
- O respeito e a atenção individualizada a criança são aspectos importantes que a escola deve cumprir.
- Para os pais, é indispensável estabelecer uma boa comunicação com os professores deixando de delegar-lhes toda a tarefa educacional.

### **4.3 Formação de professor para uma escola inclusiva**

Até pouco tempo bastava que o professor tivesse Curso Normal ou no máximo Curso de Pedagogia para dar os seus estudos como acabado. Esse quadro mudou depois da aprovação da nova LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n.º 9.394/96, que universalizou a educação e garantiu a formação continuada dos professores.

No entanto, primeiro o governo municipal superlotou as salas de aula de crianças para depois pensar na qualidade. Chegou-se a conclusão que não adianta a criança estar na escola sem aprender. Só então, começou a colocar em prática a formação continuada do professor, que realmente precisava de apoio, mesmo que fosse apenas de fundamentação teórica para enfrentar

os problemas do dia-a-dia.

Pensar na formação do professor para uma escola inclusiva é fundamental no momento, haja vista que a lei assegura o direito de todos na escola, seja ele disléxico, portador de deficiência visual e auditiva dentre outros, sem distinção de deficiência, raça ou cor, todos são bem-vindos perante a lei.

Mas, para o professor trabalhar com crianças com necessidades educacionais, é algo muito difícil, se não houver uma boa formação (curso de capacitação).

Capacitar professores para trabalharem com as diferenças e diversidades adotando princípios educacionais democráticos é fundamental para a inclusão de alunos com dificuldades.

A formação de professores para uma escola inclusiva, não se restringe apenas em conscientizá-los das potencialidades dos alunos, mas também de suas próprias condições para desenvolver a prática inclusiva.

O professor deve ter coerência entre o ser e o ensinar, entre a teoria e as vivências em sala de aula. Os professores precisam estar aptos para mediar o processo de construção de conhecimento e para valorizar todas as suas etapas desde as iniciais até os conteúdos mais acadêmicos.

A formação de professores precisa levar esses profissionais a refletir sobre a prática questionando e se avaliando de modo que possam aprender com suas experiências e com a de seus colegas. Esses profissionais que realimentam a filosofia da escola inclusiva devem compreender que os alunos são diferentes um dos outros, e devem tratá-los de modo individualizado para alcançarem os mesmos objetivos de ensino. A inclusão não significa individualizar o ensino de forma radical, mas diminuir ou

retirar os obstáculos que não permitem que todos aprendam.

A avaliação do aluno na escola inclusiva também sofrerá adaptações, mede-se a qualidade da aprendizagem pelo caminhar do aluno (ao vencer suas dificuldades) e pela construção gradual dos seus conhecimentos que era capaz de fazer antes e o que faz agora.

Infelizmente, o professor não está preparado para assumir uma sala inclusiva, muitos ainda são adeptos da concepção tradicional, sendo impossível conseguir qualquer avanço em uma classe com cadeiras enfileiradas com uma só tarefa e provavelmente uma única resposta.

É muito importante ressaltar que não é uma simples capacitação que irá formar o professor. É comum encontrarmos professores que passaram por vários cursos e continuam a executar a velha prática tradicional. No entanto, se esses cursos contemplarem a pessoa do professor atingindo sua subjetividade é possível que esse vença as resistências e assuma uma nova postura.

Uma outra dificuldade que vai de encontro com a prática do professor é a grande jornada de trabalho. Alguns chegam a trabalhar nos três turnos (manhã, tarde e noite), ficando assim, sem tempo para planejar e estudar. Os motivos que levam educadores a se submeterem a essa tripla jornada são sem dúvida os baixos salários da categoria.

É verdade que os professores comprometidos com sua prática educativa procuram esquecer “pequenos detalhes” e acabam por executar suas atividades com competência, no entanto, não acredito que só capacitando professores, sem oferecer condições de trabalho (recursos materiais) e salários dignos possa mudar realmente a educação brasileira.

Todos os alunos independente de suas habilidades e dificuldades merecem o respeito pela construção do seu conhecimento e, só instrumentalizando nossas escolas e educadores é que chegaremos a oficializar o sonho de uma escola para todos, independente das características de sua clientela.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dificuldade de aprendizagem (D.A.) é um dos maiores problemas enfrentados nas escolas nos últimos tempos, embora sempre tenha existido. Essa grande manifestação de D.A. encontrada nas escolas tem diversas causas, desde métodos falhos de aprendizagem a casos verdadeiros de D.A.

As crianças que sofrem com essas dificuldades de aprendizagem demonstram impedimentos em construir conhecimentos escolares (coordenação, escrita, leitura e matemática), além de comprometer o comportamento, deixando-as desatentas e em alguns casos agressivas. Todos esses sintomas prejudicam a aprendizagem da criança que precisa de acompanhamento adequado para continuar a se desenvolver.

É verdade que todas as classes sociais têm crianças com dificuldades, a diferença é que na classe média as crianças contam com apoio extra-escolar, e geralmente com maior atenção dos pais. Embora todas (pobres ou ricas) tenham auto-estima comprometida, o que dificulta sua aprendizagem é a falta de um acompanhamento multidisciplinar e conseqüentemente a atenção dos pais e da escola, dificultando seu crescimento sócio educativo.

Os pais sempre esperam bons resultados nos estudos dos filhos, quando isso não acontece geralmente consideram o professor como único responsável. Embora o professor seja muito importante no desempenho da criança não é o único responsável, o interesse dos pais, a colaboração demonstrada por eles com relação aos estudos do filho e a capacidade e o interesse da criança são fatores básicos que influem no rendimento escolar.

A criança precisa saber o que os pais e os professores esperam dela. O estudo é a principal ocupação, e por isso, é exigido um empenho satisfatório, principalmente por parte dos pais que muitas vezes esperam que os filhos realizem seus sonhos, o que poderá ocasionar conflitos familiares. Depois de saber o que se espera dela a criança precisa sentir o interesse dos pais nas tarefas escolares, a ajuda dos pais representa de fato uma nova união estimulando a criança a continuar a progredir.

Depois dos pais o professor é a pessoa com quem a criança mais se relaciona, ela aprende as primeiras normas e valores na família, mas a partir do momento que entra na escola o professor participa ativamente de sua educação.

Através desses estudos constatamos que é função do professor e da escola proporcionar aos seus alunos um ambiente acolhedor no qual possa potencializar a atenção e a construção do aprendizado, além de ficar atento aos problemas tanto de aprendizagem como de comportamento que possam surgir. Ficou evidenciado que ao detectar logo a dificuldade, o professor poderá analisar pedagogicamente a situação dinamizando sua prática pedagógica, só a posteriori providenciar o encaminhamento ao especialista.

Os estudos mostram que tanto a família como a escola desempenham um papel fundamental na educação da criança, ambas são importantes para o desenvolvimento comportamental e



intelectual da criança, por isso, é importante a parceria entre as duas partes.

Para a escola importa saber como os pais agem em casa em determinadas situações com o filho, os pais também precisam conhecer as normas e atuações da escola, mantendo-se informado dos avanços da criança. Se houver um bom relacionamento entre pais e escola, ambas com o mesmo objetivo, poderão juntas conseguir melhorar o rendimento da criança.

Enfatizando a análise da dislexia como uma das dificuldades de aprendizagem mais complexa, conclui-se com este estudo, que apesar das dificuldades e dos problemas da criança disléxica ela poderá superar suas dificuldades alcançando assim uma aprendizagem significativa e desenvolvendo-se de acordo com o seu potencial, se ela tiver um bom acompanhamento dos pais, professores capacitados, uma escola com currículos adequados, além de uma equipe multidisciplinar.

É fundamental compreender as individualidades do aluno disléxico, para criarmos uma prática pedagógica flexível que prime pelo respeito às diferenças, bem como, colabore para a formação continuada dos professores, facilitando a identificação de dificuldades, providenciando intervenções adequadas a sua superação.

## BIBLIOGRAFIA

AJURIAGUERRA, J (col.). **Dislexia em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BRASIL. **Conjunto de materiais para a capacitação de professores**: necessidade na sala de aula. Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC/SEESP, Tradução de Ana Maria Isabel Lopes da Silva, 1998.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CONDEMARIN, Mabel. **Dislexia manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FARIA, Anália R. de. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. Série Educação, São Paulo: Vozes, 1998.

FONSECA, Vitor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultura, Impressão Plural Editora e Gráfica, 1995.

LIMA, Lauro de Oliveira. Um pesquisador incansável e bem humorado. **Revista Nova Escola**, ano XI, n. 95, ago./1996, p. 15.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.